NOTÍCIAS

I ENCONTRO DE LINGUÍSTICA COGNITIVA

O evento

Nos dias 29 e 30 de maio do corrente ano, realizou-se o I Encontro de Linguística Cognitiva na Faculdade de Letras do Porto, tendo sido responsáveis pela sua concretização a referida Faculdade e o Centro de Linguística do Porto, com o apoio de diversas instituições, entre as quais a Universidade Católica, o Instituto Francês do Porto e a Fundação para a Ciência.

Metodologicamente estruturado segundo uma estratégia activa, promotora da interacção entre congressistas e participantes através do debate realizado no final de cada sequência de comunicações apresentadas, este Encontro teve subjacente à sua planificação o princípio de que o pensamento é uma criatura do homem, mas também o pensamento, uma vez criado, recria e fabrica o seu criador. Neste sentido, o pensamento é conhecimento, mas este não é reconhecido como tal senão através da língua, pelo que as ideias estão nas línguas naturais e estas governam o mundo. De facto, existe uma relação privilegiada entre a linguagem e o pensamento, visto que, ao mesmo tempo que o pensamento funciona como mediador entre as realidades que cria e a linguagem, esta desenvolve-se para lhe corresponder, assumindo, por sua vez, uma função de modelação do pensamento.

O objecto

Estes pressupostos imbricam no domínio de análise da Linguística Cognitiva, que se integra no escopo mais vasto da ciência cognitiva e, em consequência, no âmbito de uma investigação interdisciplinar. Aquilo que se designa como Linguística Cognitiva contempla um conjunto vasto de correntes linguísticas, mas, em traços gerais, caracteriza-se pelo facto de considerar "que os dois princípios motores da actividade linguística são, por um lado, a experiência e a imaginação humanas de mãos dadas com a percepção e a cultura, e, por outro, o papel desempenhado pela metáfora, a metonímia e a figuração retórica em geral. Os falantes, tomando como base os dados culturais, as preferências da comunidade em que se inserem, aprendem um esquema abstracto em relação a uma dada categorização de um segmento da realidade. A categorização toma como ponto de partida um objecto típico – o objecto tipo –, o objecto mais em evidência. A categorização da realidade extralinguística é assim um produto da imaginação e da cultura, em que se parte de um objecto concreto e determinante." (Mário Vilela, 1995: 265).

Desta forma seria possível explicitar não só o funcionamento da língua, mas sobretudo a sua criação, considerando-se que o conhecimento lexical é simultaneamente um conhecimento de língua e de cultura, que não se restringe a um simples processo de aquisição de regras de referência ou representação.

Neste contexto, o estudo do significado, objectivo fulcral desta teoria, pode ser perspectivado em função de determinados princípios de base: a linguagem constitui um todo conceptual e simbólico; a Gramática é um inventário estruturado de unidades linguísticas que são categorizadas e estruturadas de acordo com protótipos e esquemas; uma expressão linguística com utilização frequente conduz a um fenómeno de polissemia por meio de uma inter-relação de sentidos; as estruturas semânticas são caracterizadas através de domínios cognitivos e criando uma oposição entre 'figura' – 'fundo', sendo detentoras de imaginários convencionalizados. (cf. Hanna Batoréo 1996:265) O estabelecimento destes pressupostos decorreu de trabalhos de filósofos, linguistas e psicólogos, tendo sido os princípios desta teoria sido primeiramente formulados por Georges Lakoff (1987) e convertidos a um modelo linguístico por Ronald Langacker (1987, 1991). No decurso dos últimos anos, este modelo foi sendo desenvolvido por vários investigadores, de entre os quais se devem destacar os nomes de Bernard Pottier, Dirk Geeraerts, Leonard Talmy, Ray Jackendoff, Gerd Wotjak e Andreas Blank, entre outros.

Ao contrário do que acontece noutros países europeus, os trabalhos efectuados no domínio da Linguística Cognitiva ainda são escassos em Portugal, salientando-se, a este nível, o contributo da Universidade de Lisboa e das Universidades do Minho e Católica, bem como a reflexão efectuada pelos especialistas em psicolinguística das Universidades de Lisboa e do Porto. Neste trabalho pioneiro, destacam-se os nomes de Pinto de Lima, Clotilde Almeida, Augusto Silva e Hanna Batoréo, entre outros.

Os objectivos

Os nomes de especialistas portugueses e estrangeiros europeus já referidos situam-se entre os dezanove linguistas convidados pelo Prof. Doutor Mário Vilela, tendo-se, com a apresentação das respectivas comunicações, cumprido os objectivos delineados para este Encontro:

- favorecer uma discussão séria e actualizada sobre Linguística Cognitiva;
- permitir a partilha de trabalhos em curso ou recentemente terminados nesta área do saber;
- promover a interacção entre linguistas com larga experiência no âmbito da Linguística Cognitiva e linguistas que se iniciam nesta área de investigação;
- dar a conhecer os estudos efectuados neste domínio a um público proveniente de outros níveis de ensino, a estudantes da Faculdade de Letras e a especialistas de outras vertentes do saber, tais como a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia e a Antropologia;
- verificar da produtividade de distintos tipos de abordagem possíveis no contexto desta teoria.

Participantes e Participações

Na verdade, as diferentes comunicações foram pautadas pelo signo da diversidade, na medida em que seleccionaram como objecto de estudo temas variados, com uma dupla incidência. Por um lado, findamentaram-se em aspectos de teorização de natureza metacognitiva, conducente a uma perspectivação mais centrada na teoria e nos seus pressupostos; por outro, contemplaram objectos de análise mais restritos e específicos, inserindo-os de uma forma mais ou menos completa no conjunto dos postulados da Linguística Cognitiva.

No que diz respeito ao primeiro enfoque, salientaram-se essencialmente os trabalhos de Dirk Geeraerts (Katholieke Universiteit Leuven), Stefan Grondelaers e Dirk Speelman (Katholieke Universiteit Leuven) e Gerd Wotjak (Universitat Leipzig). Enquanto o primeiro autor relatou o resultado da sua reflexão sobre a gramática cognitiva e a história da semântica lexical, os segundos partiram da observação de Labov (1972)[1] relativa à utilização de métodos empíricos em linguística, procurando dar resposta, através da análise de um corpus resultante de pesquisa, a várias perguntas, entre as quais a de saber se a Linguística Cognitiva necessita ou não de um suporte psicológico na sua operacionalização. Quanto ao terceiro autor, foram abordadas as relações entre o significado léxico dos verbos e a sua conceptualização, a partir do postulado de que o significado léxico (=semema) se concebe como uma entidade cognitiva particular, que correlaciona um conjunto de elementos cognitivo-sememizados com elementos integradores de natureza diversa, constituindo-se uma estreita relação entre semema e as noções de 'script', 'frame' e 'cenário', com base na qual procede ao estudo do que designa de fórmulas arquisemémicas.

Em relação à segunda possibilidade de abordagem referida, foram tratados diferentes tópicos, entre os quais se contaram o espaço e o tempo. Este último conceito foi sobretudo trabalhado por Fernanda Irene Fonseca (Universidade do Porto), que explicitou alguns aspectos da representação ramificada do tempo na língua no cerne de uma concepção construtiva ou produtiva da referência linguística e por Bernard Pottier (Institut de France), que o articulou com as noções de espaço, existência, noção e modalidade, partindo destas cinco dimensões para uma incursão no plano conceptual e em esquemas de representação de eventos.

A dimensão espaço constituiu-se igualmente como objecto das comunicações de Maria Clotilde de Almeida (Faculdade de Letras de Lisboa), José Teixeira (Universidade do Minho), Hanna Batoréo (Universidade Aberta), Ana Maria Brito (Faculdade de Letras do Porto) e Lígia Maia (Centro de Linguística da Universidade do Porto), sendo-lhe concedido tratamento diferenciado.

Enquanto a primeira linguista citada tomou como ponto de partida a língua alemã, para estabelecer uma oposição entre acusativos de orientação espacial e determinadas construções simbólicas com dativo, o segundo autor mencionado procedeu à relação entre modelos cognitivos e orientação intrínseca dos objectos, com base no postulado de que é necessário considerar a estrutura cognitiva e perceptiva dos falantes para efectuar uma descrição linguística adequada do espaço. Os aspectos cognitivos da expressão do espaço constituíram o foco da atenção de Hanna Batoréo, cujo instrumentário teórico se centrou na comparação entre padrões de lexicalização, tal como foram propostos por Talmy (1985)[2] e as dimensões semânticas universais de espaço, tempo, existência e posse, conformes ao estudo de Wierzbicka (1998). As duas últimas linguistas referidas realizaram, por sua vez, uma abordagem sintáctico-semântica dos verbos de alternância locativa como 'carregar' e 'encher'.

---

[1] LABOV, W. 1972 – *Some Principles of linguistic methodology*, «Language in Society», 1, 97-120.

[2] TALMY, L. – *Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms*, in SHOPEN, T.; ANDERSON, S.; GIVÓN, T.; KEENAN, E.; THOMPSON, S. (eds) – «Language typology and syntactic field work», vol. 3 (57--149), New York, Cambridge University Press, 1985.

No âmbito do tratamento específico de determinados vocábulos e expressões, situaram-se os trabalhos de Andreas Blank (Phillips – Universitat Marburg), Mário Vilela (Faculdade de Letras do Porto) e Augusto Silva (Faculdade de Filosofia de Braga), que apresentaram como denominador comum o facto de fundamentarem a sua análise na operacionalização de determinados conceitos da teoria cognitiva. Assim, Andreas Blank procurou fazer o levantamento dos princípios de conceptualização dominantes nas diversas realizações linguísticas de um conceito ao longo da história, baseando-se nas noções de onomasiologia e etimologia, aplicados ao lexema 'cabeça'. Por sua vez, Mário Vilela, partindo da expressão 'O seguro morreu de velho', abordou os conceitos de protótipo e 'topos' como instrumentos correlacionados para a categorização do mundo e a construção do sentido. Finalmente, tendo como ponto de referência o verbo 'deixar', Augusto Silva estabeleceu uma relação entre metáfora e conceitos permissivos e proibitivos, conducente à confirmação da hipótese da fundamentação dos conceitos modais e normativos em modelos cognitivos, nos quais é relevante o papel da metáfora.

Recorrendo igualmente ao conceito de metáfora e ainda ao de metonímia como instrumentos operatórios da sua análise, José Pinto de Lima (Faculdade de Letras de Lisboa) procurou verificar a produtividade destes conceitos na explicitação dos processos de mudança linguística e da sua limitação no domínio de uma análise pragmática.

Com incidência na vertente discursiva, José Maria Garcia-Miguel (Universidade de Vigo) analisou a expressão das relações actanciais, partindo do pressuposto de que, do ponto de vista cognitivo, a estrutura sintáctica da frase manifesta em vários níveis a oposição entre 'figura' e 'fundo', traduzindo-se as diferenças de conceptualização em distinções nas formas tópicas da expressão.

Um trabalho de relacionação entre diferentes tipos de estruturas, a saber conceptuais e sintácticas, foi proposto por Ana Maria Brito (Faculdade de Letras do Porto), que, tomando como objecto o verbo 'pôr', procurou mostrar que só parcialmente as estruturas sintácticas são determinadas pelas estruturas conceptuais, visto existirem fenómenos sintácticos específicos de uma língua ou grupo de línguas não derivados do significado lexical.

Integradora do significado lexical ou do léxico no âmbito da análise textual, foi a proposta de Fátima Silva (Faculdade de Letras do Porto), centrada na análise da anáfora associativa. Ainda em contextos discursivos, Fátima Oliveira (Faculdade de Letras do Porto) estudou as restrições de ocorrência de alguns operadores na linguagem natural, com base na ideia de que, embora em algumas construções a restrição seja linguisticamente explícita, noutras não o é ou é-o só parcialmente, sendo, por conseguinte relevante a consideração do contexto nestes casos.

Para o estudo da correlação entre determinados termos lexicais do Português europeu e a expressão de diferentes actividades cognitivas, Maria da Graça Pinto e João Veloso (Faculdade de Letras do Porto) serviram-se de um corpus constituído por produções orais e escritas de adultos e crianças.

O corpus de Margarita Correia (Faculdade de Letras de Lisboa), por sua vez, permitiu explicitar em certos aspectos a construção do sentido dos nomes de qualidade em Português, a partir da consideração de critérios semântico-referenciais, em função dos quais foram apresentados alguns tipos de estruturas morfológicas passíveis de denominar os nomes em questão.

Resultados

Estas propostas de trabalho caracterizaram-se fundamentalmente por uma abordagem teórico-prática, sendo possível verificar uma escala ao nível da sua menor ou maior inserção nos princípos básicos da Linguística Cognitiva e silultaneamente detectar uma grande variabilidade do material linguístico utilizado, visto que as opções se espartilharam entre a palavra, a frase e o texto na selecção do objecto de análise e entre diferentes metodologias e recursos, no que se refere ao seu tratamento.

O acesso à globalidade do conteúdo das comunicações apresentadas poderás ser feito através da leitura das Actas, em preparação, produto resultante do Encontro e revelador da sua produtividade e importância não só para os estudiosos da área, mas também para outro tipo de público menos especializado. Para além da decisão de publicação das Actas, foi colocada à consideração dos participantes a questão da criação de uma Associação Portuguesa de Linguística Cognitiva, à semelhança do que existe, por exemplo, em Espanha, hipótese a ser discutida num II Encontro de Linguística Cognitiva, com realização provável no próximo ano.

Algumas Referências Bibliográficas feitas no texto

BATORÉO, Hanna Jakubowicz – *Contribuição para a caracterização da interface expressão linguística – Cognição espacial no português europeu*, Tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1986.

GEERAERTS, Dirk – *Cognitve Semantics and the history of Philosophical Epistemology*, in GEIGER, R; RUDZKA-OSTYN, B. (eds) – «Conceptualizations and Mental Processing in Language», Berlin, Mouton de Gruyter, 1993, pp. 53-79.

LAKOFF, George – *Women, Fire and Dangerous Things. What categories reveals about the mind*, Chicago, The Press of Chicago University, 1987.

LANGACKER, Ronald W. – *Foundations of Cognitive Grammar*, Stanford, Stanford University Press, 1987/91.

SILVA, Augusto S. – *A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*, «Revista Portuguesa de Humanidades», 1, UCP – Faculdade de Filosofia de Braga, 1997, pp. 59-101.

VILELA, Mário – *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*, Coimbra, Almedina, 1995.

WIERBIZCKA, ANNA – *Semantics. Primitives and Universals*, Oxford, Oxford University Press, 1996.

Fátima Silva

COLÓQUIOS REALIZADOS NA ÁREA DE L.L.M. EM 1998

5º Encontro Nacional sobre o Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior, Faculdade de Letras U.P., orgº APROLINGUAS, 22-23-24 de Abril de 1998

1º Encontro de Linguística Cognitiva, Centro de Linguística U.P. – Faculdade de Letras U.P., 29-30 de Maio de 1998

D. Maria de Portugal, Princesa de Parma (1565-1577), e o seu tempo. As relações culturais entre Portugal e Itália na segunda metade de Quinhentos, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade – Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras U.P., 28--30 de Maio de 1998

*

CURSOS DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS NA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO 1998-1999

INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Informação

I – Curso de Português para Estrangeiros:

O curso organiza-se em dois semestres (1º Semestre – Outubro / Fevereiro; 2º Semestre – Fevereiro / Junho), distribui-se pelo nível elementar e pelo nível médio e tem, em cada um destes níveis, uma carga horária de seis horas lectivas.

O nível elementar visa o domínio das estruturas básicas do Português, atendendo às necessidades comunicativas ligadas às situações correntes do uso da língua.

O nível médio orienta-se para o reforço do domínio dos recursos básicos do Português e para o alargamento desse domínio a elementos e crescente complexidade, cobrindo situações de comunicação mais variadas e, eventualmente, especializadas, ao mesmo tempo que se abre progressivamente à consideração de dimensões culturais.

2 – Curso de Verão – Língua e Cultura Portuguesa para Estrangeiros, de finais de Junho a finais de Julho.

3 – Curso de Especialização «Diploma Universitário de Formação de Professores de Português, Língua Estrangeira» (em colaboração com o Instituto Camões), de Outubro a Julho – V: 1998-1999.